ISSN 2238-5614
10º CBLA
Anais Eletrônicos
10º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada

Crenças no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como LE a brasileiros: uma análise sob a perspectiva da fonologia de uso

Davidson M. V. Alves (UFRJ / FAPERJ)[1]

Resumo: O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa denominado: Análise do Processo de Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras a Brasileiros – Problemas de Sotaque e de Pronúncia, que, de certo modo, tangencia o tema da inclusão/exclusão social por meio da linguagem e objetiva discutir o ensino de Espanhol como língua estrangeira (ELE) sob aspectos fonético-fonológicos. Nesse processo, os conceitos de prestígio e de estigma, variantes padrão e não-padrão, pronúncia popular e *standard* são fortemente evidenciados. Parte-se do ponto de vista preconizado por Labov (2008) de que o objeto de estudo da linguística não é apenas uma língua em particular ou várias línguas, mas a comunidade social vista também sob seu aspecto linguístico. No que tange à evolução fonética das consoantes espanholas sabe-se que durante o século XV já eram perceptíveis notáveis mudanças fonéticas relacionadas ao uso e a significativos elementos extralinguísticos. Entretanto, como a língua nunca interrompe seu fluxo de funções e nem deixa de evoluir, outros fatos linguísticos também atuaram diretamente no sistema e seus efeitos se fizeram sentir, como o que ocorreu com as três sibilantes do espanhol do século XVI que se concentravam em um espaço articulatório reduzido, pelo seu contraste fonético ser pequeno. Nessa perspectiva cita-se Bybee (2001a), que relaciona a produtividade de um padrão a sua frequência de tipo e de ocorrência, vinculando-a aos propósitos comunicativos do falante e a sua competência pragmática. Por fim, busca-se entender a sistematização de determinados modos de falar, bem como a construção de uma imagem identitária dos falantes de ELE.

Palavras-chave: espanhol como língua estrangeira (ELE), fonologia de uso, crenças no ensino de sotaque e de pronúncia.

Abstract: *This research is part of the project: "Análise do Processo de Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras a Brasileiros – Problemas de Sotaque e de Pronúncia" that studies the social inclusion/exclusion that language can cause. The aim of this article is to study the teaching of Spanish as a Foreign Language taking into consideration phonetic and phonological aspects. During this*

[1] alves.dmv@gmail.com

process some important ideas receive special attention: the existence of a pronunciation that occurs or not according to the patterns of the Spanish language and the differences between a popular and a standard pronunciation. The concept presented by Labov (2008) states that the main focus of linguistic studies is not only on the language itself, it also focuses on the social community. It is possible to observe an evolution on the phonetics of the Spanish consonants during the twentieth century due to its use and extra linguistic elements. However, as languages are always changing, other linguistic aspects have also to be taken into consideration as they have influenced directly in the system of the language. One example of these changes is what occurred to the three sibilants of Spanish in the twenty-first century. According to this perspective it is important to quote Bybee (2001a) ideas. It relates the productivity of a patter, it's token and type frequency, connecting these aspects to the communicative purposes of the speaker and his/her pragmatic competence. Finally, the objectives of this article are: to try to understand the systematization of the different ways of speaking and try to construct an image of the speakers of Spanish as a Foreign Language.

Keywords: *spanish as a foreign language (SFL), phonology and language use, beliefs on accent's and pronunciation's teaching pronunciation.*

1. Introdução

O presente trabalho de pesquisa busca discutir o conceito de sotaque e de pronúncia e, ainda, problematizar o tema nas dependências da EJA da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - mais conhecida como EJA-Manguinhos (Educação de Jovens e Adultos de Manguinhos). Especificamente, objetiva-se discutir e trabalhar com tal tema nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira das turmas Médio I e Médio II na escola em questão, aulas essas que são ministradas pela professora pós-graduanda, bacharel e licenciada em Letras: Português/Espanhol Priscila Buares.

Para se entender um pouco o tema é preciso saber que a pronúncia é caracterizada pela produção e percepção dos segmentos e suprassegmentos da fonologia de uma língua e que o vocábulo sotaque, que só existe em português e que tem etimologia desconhecida, equivale ao vocábulo acento em outras línguas, termo técnico também visto em português.

Sotaques ainda podem ser vistos como um conjunto de marcas que caracterizam a fala de um indivíduo e que servem para identificá-lo como integrante de um grupo social, linguístico e cultural.

Este trabalho apoia-se no projeto de pesquisa FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) E-26-100.720-2012, intitulado "*Análise do processo de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras a brasileiros - problemas de sotaque e de pronúncia em aprendizes brasileiros*", que vincula-se ao Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que é coordenado pela Professora Doutora Mônica Maria Rio Nobre. Além disso, compõe o processo de formação do aluno licenciando em Letras: Português/Espanhol, pois, a partir da segunda etapa da disciplina obrigatória Prática de Ensino o aluno objetiva investigar fenômenos concernentes ao curso de Letras intimamente relacionado às questões pedagógicas, que, por sua vez, fomentam uma educação produtiva e eficaz.

Analisar-se-ão, especificamente dentro do grande tema de sotaques e pronúncias, as atitudes linguísticas dos alunos de Espanhol da EJA-Manguinhos em relação a algumas mostras de fala do *corpus* intitulado "*SOPRELE*" (Sotaques e Pronúncias do Espanhol como Língua Estrangeira) e que, de certa maneira, vincula-se ao projeto de pesquisa FAPERJ supramencionado. De acordo com os pressupostos de Labov (2008 [1972]) e Bisinoto (2007), o principal objetivo desta pesquisa é responder às questões: Quais são os tipos de atitudes linguísticas aferidas às mostras de fala expostas? e Como se dá esse processo de representação cognitiva e de reação "subjetiva" que expressam valores positivos e/ou negativos em relação aos falares?

Essas indagações são totalmente pertinentes ao campo de estágio ao passo que a maioria dos alunos ocupa um espaço estigmatizado social e economicamente na sociedade carioca, por serem moradores de localidades periféricas e marginalizadas e, ainda, trabalharem nos turnos da manhã e da tarde em serviços ainda desprestigiados socialmente, como serviços gerais. Por isso, se faz bastante necessário verificar como se dá a construção

do sistema atitudinal desses alunos e quais são os graus de prestígio e de estigma linguístico que eles aferem a algumas mostras de fala do *corpus* SOPRELE, de acordo com os apontamentos de Goffman (1998) e Dal Corno *et alli* (2008).

2. Justificativa

O presente trabalho mostra-se relevante por colaborar para a compreensão dos processos e mecanismos de funcionamento envolvidos na linguagem humana e justifica-se por contribuir com a descrição do Espanhol como Língua Estrangeira. Em especial, por tratar-se de uma abordagem linguística pouco investigada na seara de ensino de línguas estrangeiras, sobretudo nas universidades brasileiras.

3. Objetivos

3.3. Objetivo geral

Tentar delinear diretrizes que auxiliem o aprendizado de espanhol como língua estrangeira e evitar que este se estabeleça em estágios superficiais de purismo linguístico, impedindo que o estudante de espanhol tenha seu estudo prejudicado e defasado por não conhecer a diversidade e pluralidade linguística e, ainda, não compreender como um constructo imagético e multirrepresentacional (BYBEE, 2001a; 2010) é delineado por sotaques e moldado por pronúncias;

3.2. Objetivos específicos

a. Objetiva-se depreender o sentido da reação “subjetiva” de estabelecimento de atitudes linguísticas com nuance positiva e/ou negativa e, ainda, identificar valores sociais

atribuídos hipoteticamente às vozes dos falantes expostos à percepção auditiva dos ouvintes (alunos da EJA-Manguinhos);

b. Ainda, objetiva-se formular um *continuum* de uso linguístico englobando tanto os fatores que influenciam nas práticas e atitudes linguísticas dos ouvintes em relação aos falares expostos quanto à conceptualização das representações múltiplas de sotaques e pronúncias.

4. Problemática e Discussão

- Quais são os tipos de crenças e, por conseguinte, atitudes linguísticas aferidas às mostras de fala expostas aos informantes da pesquisa?

- Como se dá o processamento da formação de pensamento ideológico – crença - e de reação "subjetiva" referidos aprendizes de ELE?

- De que maneira a representação cognitiva e o componente sociocultural dos informantes influenciam à constituição de suas crenças linguísticas?

- Qual a origem dos valores negativos aferidos por estes estudantes de ELE e como esses valores ocorrem na interação social e na comunicação real da língua?

- Crenças relacionadas à correção da língua (a correção aprimora o aprendizado. Atitude subjacente); à formação do estudante (escola pública, particular e EJA); à origem social e linguística do falante (moradores de comunidades periféricas); às práticas de exclusão social ("a sociedade não sabe distinguir as diferenças") etc).

5. Fundamentação teórica

Para a elaboração dos materiais em referência e para a composição deste trabalho foram fundamentais as leituras dos textos descritos na bibliografia. Esses textos auxiliaram na compreensão dos fenômenos pelos quais passa o aprendizado de uma nova língua, no

reconhecimento destes processos nas produções atitudinais dos informantes a partir de suas crenças e concepções primárias em relação ao ensino de espanhol em sua escola, espaço interacional e dialógico no qual se insere.

Dessa maneira, para se conhecer mais sobre este tema (crenças no processo de ensino e aprendizagem de línguas, sobretudo estrangeiras) cabe citar Breen (1985, p.136, *apud* BARCELOS, 2004, p. 125) "Nenhuma instituição ou relacionamento humano pode ser adequadamente entendido, a menos que consideremos as suas expectativas, valores e crenças"; o desenvolvimento epistemológico de Dewey (1933 p. 6, trad. de Silva, 2000, p. 20, *apud* BARCELOS, 2004, p. 129) sobre crenças "cobrem todos os assuntos para os quais ainda não dispomos de conhecimento certo, dando-nos confiança suficiente para agirmos, bem como os assuntos que aceitamos como verdadeiros, como conhecimento, mas que podem ser questionados no futuro"; Barcelos (1995, p. 40), a partir de sua teoria denominada "cultura de aprender línguas" teoriza crenças como "Conhecimento intuitivo implícito (ou explícito) dos aprendizes constituído de crenças, mitos, pressupostos culturais e ideais sobre como aprender línguas. Esse conhecimento compatível com sua idade e nível sócio-econômico, é baseado na sua experiência educacional anterior, leituras prévias e contatos com pessoas influentes". E, por fim, no que tange ainda ao tema crenças, cita-se Peirce (1877/1958, p. 91), que através de uma análise semiolinguística define crenças como "ideias que se alojam na mente das pessoas como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar".

Deste modo, ainda, para que não houvesse olhar puramente conservador, mas voltado à multirrrepresentação linguística e à variação e, por conseguinte, às mudanças linguísticas que as línguas passam constantemente, objetiva-se, também, depreender a leitura de materiais que têm uma abordagem da língua que evidencia o uso linguístico e descrevem fatos da linguagem a partir de métodos de exemplares que depreendem as funções das frequências de tipo e de ocorrência.

Assim, este trabalho se debruça fortemente sobre os modelos baseados no uso,

sobretudo na teoria da Fonologia de Uso de Bybee (2001a), que estabelece estritamente a produtividade de um padrão linguístico com seu *type* e *token frequency* (frequências de tipo e de ocorrência), que, por sua vez, estão vinculados à competência pragmática e aos propósitos comunicativos de o falante, devendo a língua ser entendida como uma estrutura remoldada a cada dia pelo uso e pela experiência. E, ainda, na perspectiva linguística em que o uso e a cognição se equilibram no sistema de forma a se unificarem e formarem assim, a mais plena concepção de linguagem. Tal acepção de linguagem pode ser vista em Bybee (2010).

Esse trabalho propõe efetuar uma análise e desenvolver uma explicação do fenômeno da estigmatização para melhor compreensão da relação existente entre linguagem e cultura. O fenômeno da estigmatização contempla a fala de grupos de falantes considerados minoritários, o que na realidade efetivamente não se prova, já que os falares baixos, rurais e populares, que sofrem certo estigma social por meio da linguagem são os mais utilizados pela população. Isso é corroborado pelo fato dessas determinadas variedades serem muito mais encontradas nos falares cotidianos. Tal acepção de linguagem pode ser melhor estudada a partir de Goffman (1988) e Leite (2008), e, sobretudo em Labov (2008 [1972]).

A frequência de uso dessas variedades que sofrem preconceito linguístico é deveras presente e efetivamente real nos falares brasileiros. O fenômeno da estigmatização linguística, que restringe a liberdade e a expressão comunicativa de pessoas, afrontando um dos direitos fundamentais do homem, que é o de falar sua língua materna com suas marcas de identidade linguística, constrangendo o próprio estatuto e criando barreiras e sérios entraves ao desenvolvimento da autoestima.

O preconceito linguístico, segundo Bagno (2009), pode ser analisado como uma atitude etnocêntrica que hierarquiza os diversos falares de uma região e valora os usos linguísticos em inferior, baixo, chulo (popular) e superior, elevado, padrão (*standard*). As marcas fonéticas do falante, bem como seu sotaque com sua linha melódica constituem vários estereótipos linguísticos de efeito estigmatizador, cujos sentidos vão muito além da

comicidade. Muitos desses conceitos podem ser revistos novamente em Leite (2008) e Labov (2008 [1972]).

Goffman (1988) aborda o estigma e a identidade social e individual em uma perspectiva da sociologia da linguagem. Em sua obra, estigma significa marca. É uma marca que o indivíduo carrega e o torna inabilitado para a aceitação social plena. Assim, um indivíduo portador de estigma distingue-se dos outros pela marca que lhe é peculiar.

Dal Corno *et alii* (2008) afirmam que, em decorrência de determinados mitos e valores, predominantes em uma determinada sociedade em uma dada época, uma variedade específica de uma determinada língua adquire prestígio e passa a ser percebida como portadora de uma cultura superior ou de costumes a serem imitados. Por isso, por não possuir a variante de prestígio, o falante de uma comunidade de fala estigmatizada é visto como ignorante, pois tem um falar “atrapalhado”', “errado”, “embolado”, “feio” ou até é tachado como aquele “que não sabe falar”. Segundo Bagno (2003), mesmo que essa variante de prestígio não seja o falar majoritário, impõem-se regras especulativas e prescreve-se o uso do “bom falar”, ou seja, se estabelece um sotaque a ser seguido, mas sem uma efetiva funcionalidade.

Calvet (2002) preconiza que a linguagem se caracteriza como um dos principais componentes culturais, ela delineia formas de atitudes e comportamentos que são utilizados para preencher os espaços sociais e interacionais desenvolvidos durante o uso da língua. Por isso aprender uma língua implica também desvendar a cultura em que ela se insere. Logo se estabelece a seguinte equação: ([{língua} + cultura] + sociedade) baseada nos estudos aqui difundidos e, sobretudo, nos pressupostos interacionais e que prezam o efetivo uso da língua.

Haja vista o seguinte postulado da linguística aplicada:

> O estudo do processo interativo no discurso de sala de aula, a partir da interculturalidade, propicia a discussão sobre que materiais didáticos e estratégias de ensino melhor favorecem a construção de identidades e a negociação de sentidos, capacitando o estudante de línguas a se comunicar apropriadamente (HYMES, 1986, 1994) na língua-alvo e a desenvolver sua consciência linguístico-cultural. (MOITA LOPES, 1996)

Dessa maneira cita-se Mollica e Leal (2009) com seu trabalho sobre o preconceito em EJA e, ainda, o processo de crenças nos diferentes graus de letramento. O trabalho científico das professoras foi uma importante base teórica para este trabalho, mas se difere dele no que tange ao foco de investigação, pois as professoras pesquisaram o preconceito em EJA a partir das atitudes linguísticas de professores do primeiro segmento do ensino fundamental que atuam em EJA e de formandos das áreas de Letras e Matemática da UFRJ, que demonstraram interesse em trabalhar com a população de jovens e adultos e esse trabalho pesquisa as atitudes linguísticas de alunos da EJA sobre as leituras em espanhol como língua estrangeira de alunos de Letras: Português/Espanhol da UFRJ.

Por último, cabe citar Bagno (2003) e Labov (2008 [1972]) para se entender melhor como se compõem as normas linguísticas. Segundo o autor existem a norma-padrão: variante concentrada na capital, onde têm centros comerciais, polos de cultura e ciência; a norma culta e não-culta: está relacionada às variações diastrática (divide-se em estratos sociais, o rico e o pobre), diatópica (divisão a nível espacial, por isso 'topos'. Ex. Meio urbano e meio rural) e diafásica (contextos de uso, situação experienciada, variação de registro) e, ainda, a norma regional / localizada, que está estritamente relacionada a sua comunidade de fala, a suas próprias regras e princípios linguísticos que se normatizaram naquele espaço. Há uma inversão dos quadros das normas.

6. Metodologia

Para se coletar os dados linguísticos dos alunos da EJA-Manguinhos da EPSJV e explicar do que se tratava o presente trabalho científico às turmas, foram solicitadas algumas horas das aulas de espanhol à professora Priscila Buares e, ainda, escolhidos 10 alunos, 5 alunos do Médio I e 5 alunos do Médio II para comporem a base de informantes reais do

presente projeto de pesquisa. Assim, pode-se colher informações preciosas que apontaram a muitas conclusões.

O *corpus* trata-se de respostas múltipla escolha de um questionário atitudinal que os alunos tiveram de responder a partir da escuta das mostras de fala de dois alunos de Letras: Português/Espanhol da UFRJ, o primeiro informante é do sexo feminino e do primeiro período e o segundo é do sexo masculino e do sétimo período.

Busca-se, a partir dos testes de reação subjetiva, identificar valores sociais atribuídos hipoteticamente pelos participantes da pesquisa às vozes dos informantes escutados das supramencionadas mostras de fala do SOPRELE, bem como, as características sociais e de personalidade atribuídas a esses dois falantes de espanhol como língua estrangeira, que ocupam espaços diferentes no processo de ensino-aprendizagem de espanhol como LE, haja vista que estejam em níveis diferentes, o primeiro nas séries iniciais e o segundo nas séries finais.

As perguntas foram as seguintes:

- Como você chamaria as línguas que acabou de ouvir?

Português; Espanhol; "Portunhol" ou outra língua.

- Se você fosse o dono de uma empresa você contrataria essas pessoas para qual desses cargos?

Presidente; Secretário (a); Recepcionista; Vendedor (a) ou Auxiliar de serviços.

- Como você classificaria esses falantes?

pobre	1	2	3	4	5	rico
preguiçoso	1	2	3	4	5	trabalhador
ignorante	1	2	3	4	5	bem informado
simpático	1	2	3	4	5	antipático

sociável 1 2 3 4 5 individualista

7. Análise dos dados

7.1. Análise quantitativa dos dados

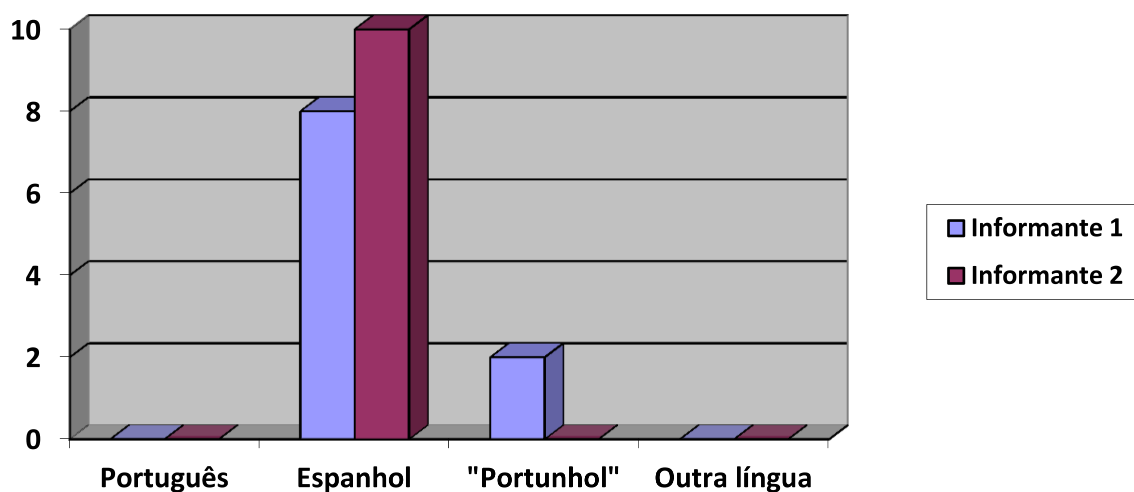


Gráfico 1: Como você chamaria as línguas que acabou de ouvir?

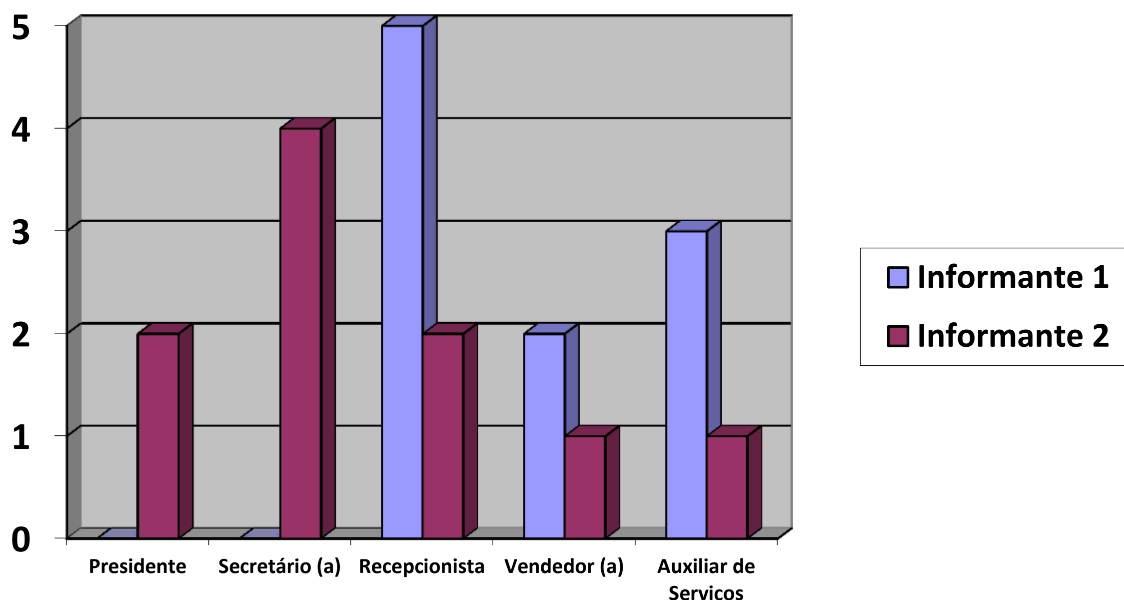


Gráfico 2: Se você fosse o dono de uma empresa você contrataria essas pessoas para qual desses cargos?

7.3. Análise qualitativa dos dados (A possibilidade de um *continuum*)

- Como você classificaria esses falantes?



Pobre	Rico
Preguiçoso	Trabalhador
Ignorante	Bem informado
Simpático	Antipático
Sociável	
Individualista	

.	POBRE/ RICO	PREGUIÇOSO/ TRABALHADOR	IGNORANTE/ BEM INFOR.	SIMPÁTICO/ ANTIPÁTICO	SOCIÁVEL/ INDIVIDUAL.
INFORMANTE 1	**80% / 20%**	**10% / 90%**	**60% / 40%**	**60% / 40%**	**80% / 20%**
INFORMANTE 2	**10 % / 90%**	**0% / 100%**	**20% / 80%**	**70% / 30%**	**70% / 30%**

Quadro 1: Atitudes em porcentagem

8. Considerações finais

Conclui-se, a partir das análises quantitativas e qualitativas dos dados acima, que as crenças e atitudes referentes aos níveis do processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras se fazem latentes, pois os alunos da EJA-Manguinhos, através de sua percepção auditiva, classificaram como língua “Portunhol”, deram os postos de trabalho depreciados socialmente e, ainda, as características mais negativas à mostra de fala da informante 1, de sexo feminino e das séries inicias do curso de Letras: Português/Espanhol (nível básico). No entanto, à mostra de fala do informante 2, que, por sua vez, está nas séries finais do curso (nível avançado), classificaram unanimemente a língua percebida auditivamente como língua espanhola, deram os postos de trabalhos de alto prestígio e, por

conseguinte, as características sociais de grande valor, como “rico, “trabalhador” e “bem informado”.

Os dados científicos da pesquisa mostraram que o preconceito linguístico e social são temas bastante polêmicos e que, ao passo em que provocam um posicionamento alheio ou de distanciamento, podem acentuar informações de caráter pessoal seja pela escolha das palavras, como pela relação com o que foi respondido ao questionário do *corpus* proposto.

Ainda é possível estabelecer a hipótese de que em uma mesma comunidade linguística coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior, pois as pessoas não falam do mesmo modo e até uma mesma pessoa não fala sempre da mesma maneira. Sendo assim, até mesmo a universalidade do pensamento é expressa de maneiras distintas e específicas em cada comunidade de fala. Por isso, não se admite a exclusão do ensino de uma determinada variedade linguística e a inclusão de outra por questões subjetivas ou pela manutenção de um falso *'status'*, mas sim, preza-se a conjunção de ambas as variedades, que, por sua vez, se complementam e se interrelacionam multirrepresentativamente, devido a multifuncionalidade de seus itens linguísticos.

Nesta perspectiva, pode-se identificar que algumas crenças podem ultrapassar os limites do que se acredita, assumindo, assim, o caráter atitudinal, tal como a correção daquilo que se julga não estar certo, mesmo quando se acredita que se deve haver respeito pelas diferenças. A partir das crenças dos sujeitos, observa-se que os temas preconceito linguístico e preconceito social suscitam uma discussão maior, que tem origem na formação da identidade do indivíduo, que para os mesmos está intimamente relacionada com os fatores sociais e econômicos que permeiam as relações entre os grupos sociais, marcadas pela linguagem que utilizam.

Referências

BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

__________. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 52ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender língua estrangeira (inglês) de alunos de Letras**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1995.

__________.Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de língua. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v. 7, n. 1, p. 123-156, jan./jul., 2004

BREEN, M. P. The social context for language learning – a neglected situation? *In*: **Studies in Second Language Acquisition**, v. 7, p. 135-158, 1985.

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas: Efeitos do processo migratótrio**. Campinas: Pontes Editores / RG Editores, 2007.

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a.

__________. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CALVET, L-J. **Sociolinguística: Uma introdução crítica** (trad. MARCIONILO, M.). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

DAL CORNO, G. *et alli*. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana do nordeste do RS. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 139-167, jul./dez, 2008.

DEWEY, J. **How we think**. Lexington, MA: D. C. Heath, 1933.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. (trad. BAGNO, M; SCHERRE, M. M. P. e CARDOSO, C. R.). São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

LEITE, M. Q. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de LA: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas***.* Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MOLLICA, M. C. & LEAL, M. **Letramento em EJA***.* São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PEIRCE, C. S. The fixation of belief. *In*: WEINER. P. P. (org.) **Charles S. Peirce: Selected writings***.* New York: Dover, p. 91-112, 1877/1958.

SILVA, I. M. **Percepções do que seja ser um bom professor de inglês para formandos de Letras: Um estudo de caso**. Dissertação de mestrado, UFMG, 2000.